

ESCRITA EM CONTEXTOS SIGNIFICATIVOS: SUPORTE PEDAGÓGICO A ADOLESCENTES COM SÍNDROME DE DOWN. Kéle

Cristina da Silva, Anna Augusta Sampaio de Oliveira- Pedagogia - Departamento de Educação Especial – Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus Marília - CEES.

A importância da leitura e da escrita na sociedade atual é evidente. Mas, como propiciar condições para que a aquisição da escrita ocorra? Para Smolka (2000) a leitura é uma atividade social cuja funcionalidade se evidencia e se propaga cada vez mais, mas uma grande parcela da população não aprende seu funcionamento porque a escola, como lugar de ensino, acaba sendo extremamente seletiva. Como é o quê a escola tem ensinado para que um enorme contingente de crianças não aprenda a ler e escrever na escola? É preciso ir à escola para aprender a ler e escrever? Para a autora

O ato de ensinar se caracteriza e se reduz ao falar a apontar o erro; o ato de aprender se caracteriza pelo tentar copiar e pelo calar. [...] a escrita, sem função explícita na escola, perde o sentido; não suscita, e até faz desaparecer o desejo de ler e escrever. A escrita, na escola, não serve para coisa alguma a não ser ela mesma. Evidencia-se uma redundância: alfabetizar para aprender a ler e escrever. (p.36, 38)

Goodman (1997) comenta que essa lógica da escola é um elemento que dificulta a aprendizagem da linguagem. "ir de unidades pequenas para maiores traz consigo um elemento da lógica adulta: os todos são compostos de partes; aprenda as partes e terá aprendido o todo. Mas a psicologia da aprendizagem nos ensina que aprendemos de um todo para as partes" (p.11). De acordo com Smolka, para Vigotski "a linguagem é uma atividade criadora e constitutiva de conhecimento e, por isso mesmo, transformadora" (p.57)

É preciso que as práticas da leitura e da escrita aconteçam de forma mais prazerosa e mais concreta, conseqüentemente, mais fácil, uma vez que a criança poderá identificar sua função através de contextos significativos no interior das salas de aula. Quando se trata de alunos com algum déficit cognitivo, como aqueles com deficiência mental, tais ambientes não de ser mais atraentes. É necessário que o aprendizado ocorra de forma a instigar o indivíduo pela busca de conhecimento e pela prática da leitura e da escrita.

Com base nesta perspectiva mencionada, o projeto "Descrição da fase inicial da escrita em adolescentes com Síndrome de Down", em desenvolvimento no Centro de Estudos de Educação e Saúde (CEES), unidade auxiliar da Faculdade de Filosofia e Ciências, campus de Marília, apresenta como objetivo principal a oferta de suporte pedagógico especializado, através de contextos significativos, a adolescentes portadores da Síndrome de Down, na faixa etária de 11 à 13 anos que estão em fase de aquisição da leitura e da escrita.

Até o presente momento foram realizados 18 encontros, sendo estes semanais e com duração de duas horas cada. Previamente foi elaborado um planejamento semestral, no sentido de organizar antecipadamente os atendimentos.

O planejamento atual prevê, como atividade principal para a apreensão da linguagem escrita de forma significativa, a elaboração e confecção de uma revista pelos próprios alunos para que assim percebam a função social da leitura e da escrita. São, também, atividades secundárias que farão, posteriormente, parte do conteúdo da revista em elaboração pelos alunos. Tais atividades envolvem leitura de poemas, entrevistas, jogos, curiosidades, uso de recursos oferecidos pela Cozinha Experimental e pela Biblioteca Interativa.

A organização dos atendimentos é feita juntamente com os próprios alunos, sendo que colocamos em um mural as atividades a serem desenvolvidas no dia e, ao final do atendimento, o mural é retomado para que vejamos se foram realizadas todas as atividades propostas. Para o acompanhamento e observação do desenvolvimento dos educandos é feito, também, um diário onde são anotadas todas as ações que ocorreram no dia e observações sobre os alunos e, assim, podemos perceber a evolução do desempenho geral dos adolescentes tanto em relação à escrita e leitura, como também em relação ao comportamento frente à prática de leitura.

As atividades são propostas, desenvolvidas para que depois sejam escritas. Ao final de cada

capítulo e também a cada início de encontro, as atividades são retomadas através da leitura de alguma das estagiárias, sendo a leitura acompanhada por todos do grupo. Pois assim, como Smith afirma

As crianças recebem a sua primeira chance de resolverem muitos dos problemas de leitura quando elas lêem com um adulto o mesmo texto ao mesmo tempo. Não importa se no início a criança não reconhecer nenhuma das palavras para as quais está olhando; na verdade, é durante o processo de confronto com palavras desconhecidas que elas encontraram a motivação e a oportunidade de começar a distinguir e reconhecer determinadas palavras. (1999, p.133).

Ao final de cada atendimento há a leitura de um poema por alguma das estagiárias. E foi a partir disso que um dos adolescentes começou a mostrar interesse diante da leitura. Quando vamos começar a leitura, a educanda se propõe a ler, mas como não faz o uso da leitura convencional ainda, faz uma leitura subjetiva do que está escrito através da leitura das figuras do poema. Isso, para Smith (1999) é uma das formas mais importantes de aquisição da leitura, pois o indivíduo está mostrando interesse pelo o que está escrito, mesmo que ainda não faça uso da leitura convencional.

Outro fato interessante a ser mencionado é a necessidade de imitação que o indivíduo possui, pois ao nos ver escrevendo os educandos se colocam na condição de educadores e nos ensinam. Para Smolka (2000) atitudes como essa são consideradas extremamente normais já que “as crianças aprendem a escrever escrevendo e para isso, lançam mão de vários esquemas: perguntam, procuram, imitam, copiam, inventam, combinam” e completa dizendo que “as crianças aprendem um modo de serem leitoras e escritoras porque experimentam a escrita nos seus contextos de utilização”.

Por estarem em fase de alfabetização, a aquisição da escrita se faz mediante o uso de fichas de palavras, sílabas e letras que dão suporte as diferentes hipóteses de escrita dos alunos. Durante decorrer dos atendimentos, há o acompanhamento pedagógico nas escolas, o que torna possível a observação do aluno em ambientes escolares, podendo notar onde se encontram as maiores dificuldades de cada um deles.

Como resultados preliminares podemos apontar a visibilidade do interesse e mudança no ato de ler e escrever. É visível o envolvimento e o desenvolvimento dos alunos durante os atendimentos, pois se percebe uma maior apreensão do código lingüístico através das atividades propostas. Deve-se considerar que antes de possuírem qualquer tipo de deficiência, esses adolescentes são seres humanos singulares, com suas peculiaridades próprias e únicas. Através deste trabalho, ficam evidenciadas as competências e possibilidades desses alunos que, apesar do acometimento da Síndrome de Down, possuem condições de apreensão dos aspectos básicos do código escrito, desde que envolvidos em projetos diferenciados, dinâmicos e que considerem seus conhecimentos prévios na área da leitura e escrita.

Bolsa: PROEX

Referências Bibliográficas:

GOODMAN, K. *Introdução á linguagem integral*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, 95p.

SMITH, Frank. *Leitura Significativa*. trad. Beatriz Affonso Neves . 3ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. 167p.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. *A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo*. 9ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2000,135p.

